

O MICROBIO



Semanario de caricaturas

Redactores artisticos: CELSO HERMINIO E AUGUSTUS
REDACTOR LITTERARIO: TITAN

ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILIAS
 Anno (52 numeros) 13000
 Semestre (26 numeros) ... 5500
 Trimestre (12 numeros) . . 3250

AFRICA
 Anno (52 numeros) 13500

BRAZIL
 Anno (52 numeros) 105000

EXPEDIENTE

Os assignantes receberão O MICROBIO pela primeira expedição do correio, e, portanto, 4 horas antes do jornal ser posto á venda.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador

FRANCISCO MACHADO
 Rua dos Correiros, 110, 2.
 (Travessa da Palha)
 LISBOA

ANNUNCIOS

Linha 20
 Anuncios repetidos, por contrato.

Oito dias depois
 da publicação
 50 RÉIS

AVULSO
 10 RÉIS

CAMBISTA TESTA

78, R. do Arsenal, 78

LOTERIA DE 12:000\$000 RÉIS
 A 11 DE SETEMBRO

Grande sortimento de bilhetes, meios, decimos e cantellas de todos os preços.

CAMBIO, LOTERIAS

PAPERS DE CREDITO

JOÃO VIERLING & C.^a

Ex-gerente da casa de cambio de Antonio Ignacio da Fonseca
 44, Rua do Arsenal, 46
 Esquina do Pelourinho, 1, 2, 3
 (TELEPHONE N.º 611)

Compram e vendem pelos melhores preços do mercado libras, ouro portuguez e todas as moedas e notas estrangeiras.

Tambem negociam sobre inscrições e todos os papeis de credito que tenham cotação na bolsa, e descontam os juros internos e externos.

Têm sempre grande sortimento em bilhetes, decimos e cantellas de todas as loterias portuguezas.

JOÃO BARREIROS

OURIVES

Compra e vende objectos de ouro e prata e pedras preciosas, e relógios de ouro, prata e aço.

Concertos e encomendas

RUA AUREA 105

AVISO AOS VITICULTORES

Fornecem-se plantas de videiras americanas por preços razoaveis e convencionaes, segundo a qualidade e quantidade, para todos os pontos do paiz.

Dirigir requisições a Duarte Figueiredo

RUA DO POÇO DOS NEGROS—13, 1.º

LISBOA

THEATRO D. AMELIA

Maria
Gonzalez

O que nós vimos :



CELSO

silber

Bella plastica, magnifico cabelo, e portuguez mascavado... Deliciosa alliança da gracia hespanhola com o sentimentalismo portuguez... e, sobre tudo, patriotismo em toda a extensão da palavra e do... patriotismo!!!



A bailarina Lopes

CELSO Herminio

LISBOA, SABBADO, 22 DE SETEMBRO DE 1894

SUICIDAS...

LALVEZ antes por mingua de assumpto palpitante, do que por terem augmentado ultimamente os casos de suicidio, a imprensa lisboeta atirou-se, esta semana, a discutir as causas determinantes d'essa verdadeira catastrophe para a qual só encontramos como rival—os elevadores.

E' claro que o descretear não arredou um pé da banalidade, pois n'este ponto de nunca sair do vulgar é a nossa imprensa fixe—o que a desculpa, em parte, de ser tão varia em tantos outros pontos... Que o suicidio é uma doença, que é uma allucinação, que é uma suggestão, que é uma attração, e que é preciso acabar com elle—eis a synthese da controversia. E, é claro, tudo ficou na mesma.

Isto é, na mesma tambem não, pois, ainda assim, os leitores menos lidos das *Novidades* sempre ganharam ficar sabendo que Chateaubriand, Maudsley, Spencer, Schopenhauer e quejandos, escreveram sobre o suicidio cousas talvez muito acertadas para os paizes e para as épocas em que elles viveram ou vivem, mas que a um suicida indigena dariam ganas de se suicidar... segunda vez, desde que uns restos de bom senso tivesse resistido dentro do cerebro d'elle, ao suicidio *inicial*...

E afinal de contas as *Novidades* sacrificaram um bello ensejo de acertarem, ao prazer vão de se mostrarem eruditas. Levandade no caso, pois a verdade é que o Larousse tem barateado como o diabo a erudição, ao passo em que as difficuldades cada mais crescentes de encontrar quem *sai-ba ver*, está dando bem mais alta cotação aos poucos que *veem bem*...

Ora gastar columna e meia de um jornal, para abordar a conclusão de que a falta de firmeza de creanças religiosas é que promove o recrudescimento da suicido-mania, que por suggestão entre elles se suicidaram Camillo, Julio Cezar Machado e Quental—é, pelo menos, estar a mangar com a tropa, visto como crêr na sinceridade de taes dislates quer-nos parecer a nós que será offender o auctor d'elles...

E, parece-nos, porque, apezar de tudo, nós preferiríamos, em todo o caso, passar por cynicos a passar por tolos... 4

Werther, Thraseas, Socrates, Petroponio, Ca-tão, Nerva, o rei Xerxes, toda essa pleiade que fórma o estado maior da legião suicida, pode ter obedecido a muitas razões varias, desde o simples *dilettantismo* até ao estoicismo; pode Tacito ter chamado á *doença—tadium vite*, e Schopenhauer, tradusindo, dado-lhe o nome de *mal de viver*; pode

a cousa, na opinião das *Novidades*, não passar de uma *nevrose*—o que, porém, é indiscutivel, é que, pelo menos entre nós, uma só causa determina a hecatombe expontanea: a *miseria*.

Miseria de bolsos e miseria de consciencias; miseria physica e miseria moral—mas em todo o caso: a miseria.

Promovida pelo *tedio da vida* não résam as chronicas hodiernas, entre nós, um só caso de morte voluntaria!

Estes se matam por não ter pão; aquellos, porque fracos, prevaricaram e, apezar de tudo, honestos, procuram redimir com a vida o erro em que incorreram; est'outros, porque, luctadores intemeratos e tendo a honra por lemma, se chegam a comprehender que tal lemma se tornou labeu, preferem matar-se a volverem-se *tão bons como os outros*...

Assim, não se matam os doidos—digam o que disserem os theoreticos,—matam-se os honrados, os bons, os puros. Camillo não se suicidou, foi ao encontro da morte porque lhe pareceu que ella caminhava para elle devagar de mais; Julio Machado, antes de se golpear, tinha já de facto perdido a vida—que lh'a roubára o filho; Anthero, como Ca-tão, despediu-se do mundo bemdizendo a morte visto que esta o poupava ao espectáculo do esphacelamento da patria...

Se resultasse o suicidio d'um desequilibrio, se fôra bem uma suggestão, resistiriam quasi exclusivamente a elle os maus, os perversos, os cynicos?

Não.

Ora esses resistem—e a prova é que ninguem dá fé de ter-se suicidado nenhum politico, ou seja deputado, par do reino ou ministro d'estado...



AO "PHANTASMA,"

Ao nosso collega d'este titulo, que se publica em Ponte de Lima, os nossos agradecimentos simples, por hoje. Para o proximo numero irão compostos...



EPIGRAMMA

Este mundo e o outro mundo,
De *rebeantar* saciado,
Esse tal amaldiçoado
Elevador do Camões
Para esta semana, ao rabo,
Incolume não levar,
Falho de quem *rebeantar*
Rebeitou elle... p'lo cabo!...

A NOSSA COSCUVILHICE

Para ahí a dizerem que as manobras não tinham servido para nada!...

Não o pensa assim um dos órgãos do governo, do qual transcrevemos:

«Calcula-se em mais de 8.000.000 réis a importância deixada em Fimalição pelas forças das duas brigadas e pelos forasteiros».

Dando que os forasteiros concorressem com a oitava parte, que é calcular pelo alto, ora aqui está para o que as manobras serviram: «para o thesouro gastar 7.000.000 réis em honra e glorificação do grande Napoleão Malaparte!»

A Empreza Val do Rio atira-se como gato a bofe aos collegas taberneiros que falsificam os vinhos, e ainda em cima a andam a desacreditar.

E' nobre o desforço, e, tanto mais nobre, quanto a Empreza se propõe, como prova decisiva, a pagar a analyse de todos os seus vinhos, a quem quizer saber o que elles contém.

Dizemos como prova decisiva, porque a analyse, como se sabe, não prova nada—antes pelo contrario...

Parece que o governo brasileiro acaba de encommendar, á fundição de Grussen, torres blindadas para as fortalezas que defendem a barra do Rio de Janeiro.

Não percebemos bem a vantagem da encomenda, visto não ser de esperar complicações com o estrangeiro.

Prevendo uma possível nova revolta, julgamol-a dispensavel tambem, visto que não ha memoria de uma só bala dos navios insurrectos brasileiros ter ido acertar aonde a apontaram...

Ponto final

O ministro a um pretendente, depois de 5 mezes de espera infructifera pelos corredores:

—O sr. o que quer é ser amanuense, não é verdade?

—Sim, senhor...

—Pois bem escreva ahí o seu nome e morada, que eu o farei avisar quando houver vaga...

—Mas... sr. ministro... se eu soubesse escrever o meu nome, não quereria ser empregado publico...



A Vanguarda, o gazetilheiro d'O Seculo e quejandos, todos os dias se atiram ao Mariano Pina com a mesma coragem com que resistem á tentação de se atirarem ao Marianno de Carvalho.

Ahí, valentes, que elle agora está por baixo!...



Mysterio desvendado

—Eureka!— encontrada a chave
Foi do mysterio, afinal!
Mas para conseguir tal
Houve que se convocar
De sabios, grande conclave,
Que o caso vem d'aclarar...

Não foi sem custo, inda assim,
Pois andaram Seca e Meca
Antes de gritar: «Eureka!»,
E a muito mais d'um sujeito
Consultaram, pois, emfim,
Foi preciso cuspo e geito...

Mas está achado o X!
Por todo o Portugal fóra
Hoje, ninguem mais ignora
Nem faz juizo sinistro,
Sobre a essencia do feliz
E mysterioso ministro!

Sim senhor, o tal, olé,
A sphinge, o ministro, emfim,
Das obras publicas, sim,
O da farda todo triques,
Já se descobriu quem é!!!

E'... é o Campos Henriques...



No ultimo numero da Propaganda, em artigo intitulado **Arre, burguezes** (é lá com os que o são, que nós somos proletarios) lê-se:

«E se referissimos os sinistros nas minas, pelo gristú, onde os operarios perecem aos centos, e nas pedreiras pela dinamite, e nas fabricas pelo vapor, e nos exercicios militares, etc., tudo por causa da burguezia?!...»

E se referissem, accrescentaremos, que nós, por um triz, não partimos ha dias uma perna, ao escorregarmos n'um burguez... perdão, n'uma casca de melancia, o que vem a ser o mesmo, visto que certamente fóra comida (a melancia que não a casca) por algum dos taes da burguezia?...

Na occasião, como não tivessemos ainda lido o artigo, até por signal nós gritámos:—«Arre, diabo!»— mas agora, garantimos que á primeira escorregadella, damos-lhe mas é com o tal:—«Arre, burguezes» que não será fino, mas é justo...

Ora os patifes que até comem melancia e... deitam fóra as cascas!...



E aqui está porque o governo não presta: porque para nenhum d'elles nasceu



Vocações Erradas...

Torto como um raio

Este para ser direito... com um raio!

Este para enlreitar as cousas tortas...

Este para festeiro...

Este para não fazer nada...

Este para não se ralar!

CELSo Herminio



CONTO A VAPOR

Nicolau José Xinfroño
Que d'esgrima lições dava,
Teve a idéa do demónio
De mandar a vida á fava
No dia de Santo Antonio.

Porque um desgosto o consterna
Entendeu matar a magua,
Que julgou seria eterna,
Bebendo seis litros d'agua
No fundo d'uma cisterna.

Disse pessoa fanatica,
Ao saber d'aquelle morte,
Que o rato que a poz em pratica
Em esgrima era tão forte
Como um burro em mathematica;

Mas eu creio que profundo
No exercicio era o rato
Que assim disse adeus ao mundo
Dando a ultima lição:
Pois morreu *caindo a fundo*.

ABR' ANTES.



O *Anti-jesuita*, tambem se atira ao *Dia* pela publicação da tal apostasia d'um maçon, que, por signal, mais nenhum collega publicou. E dando-se ao trabalho de averiguar o caso, aquelle jornal nega a veracidade da noticia, parecendo-lhe que ella appareceria no *Dia* sem licença do seu redactor principal.

Assim foi, por daclaração do proprio *Dia*, o que faz com que voltemos com a fala ao buxo e continuemos a considerar o sr. Gomes da Silva o rei dos republicanos, e mais maçon que a Virgem Maria...



Eduardo Costa — o conhecido e inventivo industrial biscoteiro, teve a amabilidade de fazer passar o seu carro por debaixo das nossas janelas, antes de o pôr ao serviço do publico.

Em se dizendo que por fóra, o carro, ainda é *melhor* do que por dentro, comquanto por dentro vá cheio de bollos — tem-se feito o elogio do vehiculo.

O elogio do dono, fazem-o todos que lhe comem as bolachas, o que vem a ser toda a gente, visto que *a papas e bolos*... ha pouco quem resistia!...

LITTERATURA AMPHIBIA

SIMILIA, SIMILIBUS...

(CONTO ORIGINAL)

Apoz lucta insana de uns poucos d'annos, (e não tão *poucos* como isso...) Lucilia obtivera, finalmente, o seu diploma de medica pela escola de Lisboa, reconhecendo-se *ipso facto* habilitada a continuar a morrer de fome...

Não tinha illusões a boa Lucilia, e pobre, modesta, desprotegida, apezar de talentosa, bem sabia que se durante a escola o batalhar fóra terrivel, uma vez formada triplicariam para ella as agruras e entraves. Coração blindado contra as difficuldades e espirito tenaz e persistente, porém, Lucilia, que bebia a grande força para a lucta na confiança absoluta nos meritos proprios, não desesperava.

Tinha a medir-se, por um lado, com a concorrência de outras collegas mais antigas e já com clientéla feita,—deixal-o, medir-se-hia. Tinha por outro lado que batalhar com a má vontade muito generalisada ainda, contra a «medicina de saias» na expressão vulgar, esse preconceito que ainda hoje, digam o que disserem, é pecha com que não devem deixar de contar aquellas que se abalançam a prestar cummulativamente os soccorros da sciencia e os do coração a essa horda de selvagens, aos quaes só por antonomasia, se compreende que se lhes chame *humanidade*...

Porém ainda isto não assustava a joven medida, cheia de esperanças no futuro, quão cheia de necessidades no presente...

«—Um dia, o primeiro doente apparecerá...» promettia ella muito frequentemente, a si mesma, debruçada sobre os livros em que estudava a luz do luar, sobre o parapeito da trapeira, em cujos vastos horisontes a descoberto estava, quiça, o segredo da crença vasta como elles e azul como a immensidade que lhe era refrigerio e até alimento... em tempos de jejum forçado.

E os dias passavam e as noutes decorriam, resumindo-se Lucilia em receitar a si propria coragem em doses allopathicas, e applicar-se alimento em doses homœpathicas—n'uma indecisão de systema medico que chegava por vezes a fazel-a sorrir.

«—A verdade é que Hahnemann e os classicos tem todos rasão em determinados casos!... concluia ella muita vez ao cerrar as carunchosas portadas da trapeira; e, proseguindo no raciocinio até se deitar, succedia-lhe voltar-se para o outro lado, resmungando:—Homœpatha ou allopatha, serei aquillo que preferir o meu primeiro doente; por causa d'essa bagatella, não irá elle bater a outra porta.»

E adormecia hygienicamente... sem correr o risco de indigestões...

Mas uma noute, eis que Lucilia se sente despertar de chofre. Um ruido extranho de portas ar-

rombadas e vidros partidos fel-a sentar na cama assustada.

E as suas primeiras palavras são, ainda mal despertada e como que seguindo o fio de um pensamento ou antes de um sonho:

—Um doente! .. Será emfim um doente?!

—Isso mesmo, um doente!...—uma voz lhe responde, entre terna e transida de frio ou de susto...

—Oh! meu Deus!—fez Lucilia procurando levantar-se e tentando gritar.

—Um doente .. d'amor—explica a voz... Oh! por caridade não chame nem accenda luz, ou estou perdido...

—Mas, senhor, o que pretende?...

—Que me salve!...

—Está então em perigo de vida?

—Imminente....

—Não é costume nós outras, as medicas, prestarmos socorros a individuos... do seu sexo... mas... um caso d'afflicção...

—De immensa afflicção!... Imagine... Mas... ouço ruido no telhado... Oh! estou perdido!...

—Porém, explique-se... diga...—repetia Lucilia, por fim já seriamente interessada no sofrimento do desconhecido.

—Um momento... O caso é extremo é V. Ex.^a, como medica, não deve ter preconceitos... Com licença...—e, dizendo, eis que o recém-chegado enfia pelo leito da propria Lucilia, verificando esta, só então, que era na verdade mais em *toilette* de cama, do que de passeio que o desconhecido lhe entrara em casa e pela janella.

—Porém, senhor...

—Caso extremo!...—repetia o intruso, segurando a medica que, protestando, pretendia erguer-se, chamar...—Eu me explico, eu me explico.

E princiou:

—Agora que tenho a certeza de que aqui ninguém virá dar comigo, sinto-me mais tranquillo, sinto-me até muito bem...

—Quero crêr... mas... as explicações?...

—São simples... Tendo-me a sua visinha da trapeira ao lado marcado uma entrevista para esta

noute, compareci louco d'amor... Disse-lhe... a tal doença... Compareci e... emfim...

—Adeante...

—Tal qual, adeante... mas... eis que somos surpreendidos pelo marido, que devia estar a caminho do Porto... e... não estava... Eis que fujo pelo telhado... Eis que o marido me persegue... e eis... Pois senhores está aqui muito agasalhado....

E, apesar de curtas, as explicações do doente, que Lucilia por fim já escutava como medica verdadeiramente interessada na cura, duraram algumas horas...

.....
Era meio dia almoçavam Lucilia e o seu primeiro cliente—até que emfim!...—com appetite verdadeiramente pantagruelico.

Adivinhava-se que a doutora não impozera *dieta* ao enfermo—antes pelo contrario...—e, versando a conversação sobre medecina, eis que Lucilia interroga a subitas o commensal:

—Juras, então, que me amas?...

—Juro-te!...

—*Similia, similibus!*...—brada ella encantada. Decididamente triumpho a homeopathia!...—e erguendo o copo:—Hurrah por Hahnemann!...

Convém explicar sempre, que se a *cura* se realisára de facto, pela theoria homeopathica o tratamento fôra applicado em doses allopathicas...

BIBLIOGRAPHIA

Os malditos—é um magnifico livro de D. João de Castro, uma entidade litteraria que não precisa reclames, mas a quem proximamente nos referiremos mais de espaço.

Vid'airada—livro precioso de Alfredo Mesquita, um dos mais preciosos em talento e do qual promettemos para breve um não menos precioso retrato-caricatura.

Portugal e Brazil—uma pequena brochura d'Augusto Forjaz, cheia de actualidade e excellentemente deduzida.

A todos os nossos agradecimentos.

PERFIS ENYGMATICOS

Politico

Enquanto outros se consomem
N'uma labuta infeliz,
Este está para o paiz
Qual o paiz 'stá p'r'o homem...

Elle é rei, reu, é juiz,
E, por mais casos que o assomem,
Quando se julga que o comem
Onde diz *diz*, diz que *não diz!*...

Por Messias já passou,
E, como tal, em verdade,
Morreu e... resuscitou...

Calçarios cem, por signal,
Tem, desde a *outra metade*
Té a Companhia Real...

Litterario

Poeta na propria acceção
Da palavra, é um thesouro
De lyrismo o coração
Seu, e sua lyra é d'ouro!

Em vez da negra traição,
D'amores de mau agouro,
Canta lances de paixão,
O ar, o ceu, e o trigo louro...

São as *flores* suas dilectas,
Os campos são seus amores,
E, qual Breviario de Poetas,

A sua Obra é para os que amem:
Flores do campo, lhe chamem
Ou chamem *Campo de flores!*...

Popular

Varapau erguido, pois
E' caracteristico seu,
Ou muito errado, conto eu,
Ou elle e o burro... são *dois!*

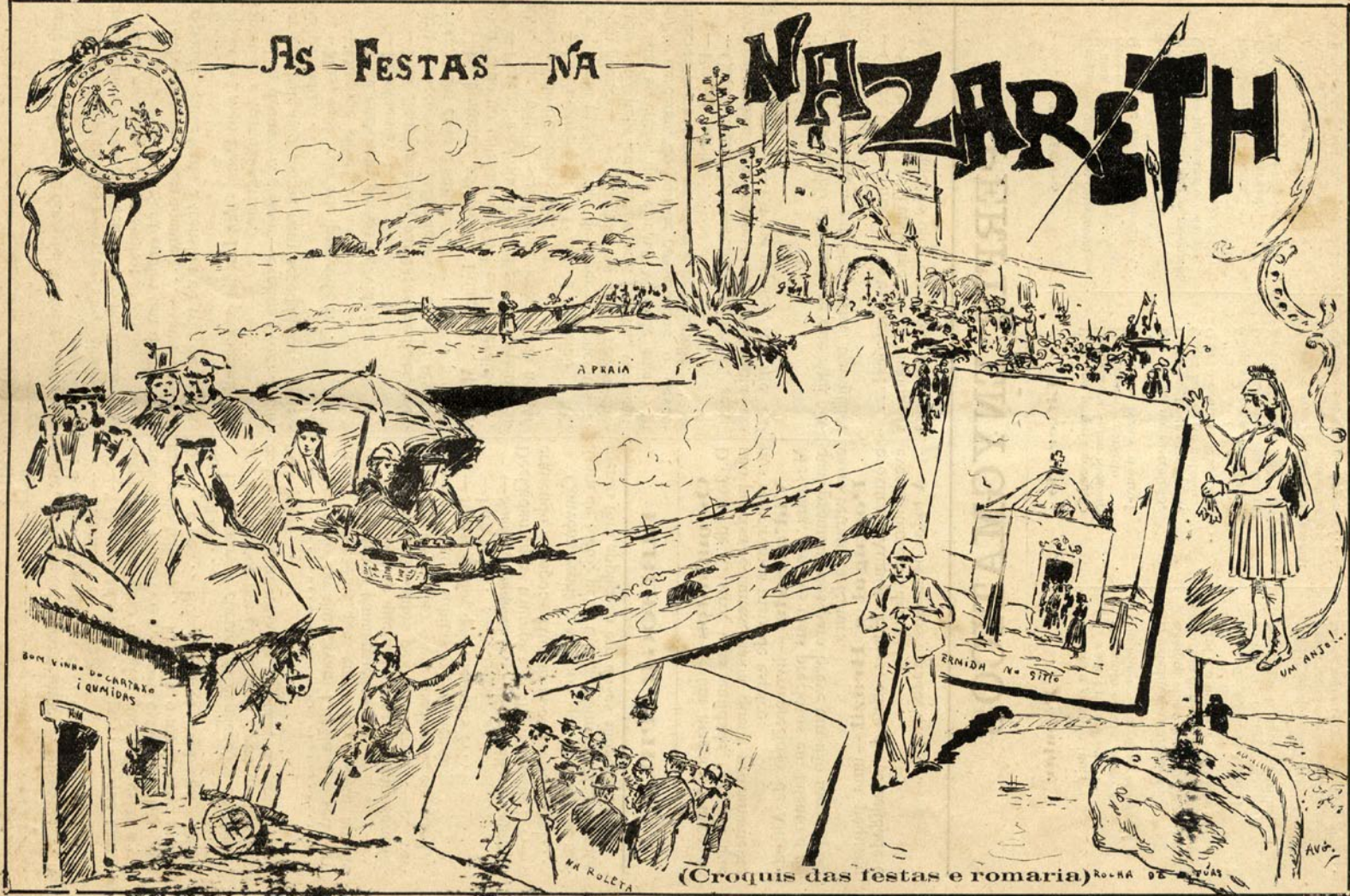
O cabelo aos caracoes,
Sempre olhos fitos, no Ceu,
Voz de femea, ar de sandeu
Elle e o burro... são bem *dois!*...

«—Anda *filho*» ao Manuel
Elle diz, e o burro, fiel,
Segue-lhe sempre no trilho,

Mudo, quedo, *sabio* até,
Como a provar-nos que é
O *pae* mais burro que o... *filho!*...

AS FESTAS NA

NAZARETH



A PRAIA

BOM VINHO DE CARTÃO
E QUIMIDAS

ERNIDA Nº 9710

UM ANJO!

NA ROLETA

(Croquis das festas e romaria) RO-NA DE AGUAS

AVO.

Acaba de entrar no 6.º anno de publicação a revista mensal de agricultura

“PORTUGAL AGRICOLA,,

O PORTUGAL AGRICOLA é distribuido no fim de cada mez aos fasciculos de 24 a 32 paginas de texto intercallado com gravuras, traduzindo a feição agricola do paiz e dando ao mesmo tempo specimens de toda a alfaia rural mais moderna e aperfeçoada, cujos bons resultados praticos tenham sido plenamente demonstrados.

É o jornal agricola de maior circulação no paiz e que, pela sua indole, se torna indispensavel a todo o agricultor.

Assignatura por anno 3\$000 réis. Assigna-se na

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

Rua do Arco do Bandeira, 27—LISBOA

Deve sahir do preço na proxima semana o 14.º volume da bibliotheca do “Portugal Agricola,,:

ESTUDO DO FABRICO E CONSERVAÇÃO DO VINHO

POR

JOÃO DA MOTTA PREGO

Agronomo repetidor do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Recebem-se desde já pedidos na Companhia Centro Agricola Industrial,
Rua do Arco do Bandeira, 27—Lisboa.



CHAPÉU PLUMÉ

PESO 50 GRAMMAS

PREÇO 1\$000 RÉIS

J. G. P. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

Approvado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e premiado na Exposição de Bordoens de 1892

Rua da Assumpção, 103, 1.º

Faz sciente ao illustrado publico de Lisboa e clientes da provincia, que só garante os trabalhos feitos no seu consultorio, rua d'Assumpção, 103, 1.º, e que nunca esteve ligado nem tem annexação com pessoa alguma, como lhe consta se trata de persuadir o publico.

GRANDES ATELIERS

Grande fabrica de carimbos de metal e borracha, sellos, balancés para marcar a branco e tinta, sinetes para lacre, roupa e tintas, chapas para portas e bilhetes, brazões em papéis, monogrammas e bilhetes, fazem-se todas as qualidades de gravuras em aço, metal, pedras finas, etc.

Atelier de gravura em madeira, retratos, paisagens, etc.
Lithographia e typographia a vapor, facturas, recibos, bilhetes, obras illustradas, rotulos, trabalhos a côres, letras, memorandums e mais trabalhos em todos os generos para o commercio, industriaes e repartições, etc.

Estampagens em relevo de monogrammas, brazões, timbragens, etc.

Fabrica unica no paiz, onde se fabricam e nickelam viteses, prensas, balancés, cunhagens, etc.

Papelaria, papéis superiores nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio.

FREIRE—GRAVADOR

Séde — 158, 160, 162, 164, RUA DO OURO

Papelaria **FREIRE-GRAVADOR** e com as respectivos officinas de gravura. Fabrica de carimbos, timbragens, cunhagens. **Lithographia, typographia a vapor.**

Editor, José Maria Baptista de Carvalho.—Typographia do Commercio, Rua Ivens, 50—Lisboa.